

**ALIMENTAÇÃO, FOME E TUBERCULOSE ENTRE OS OPERÁRIOS  
TÊXTEIS DE FORTALEZA (1933 – 1955)<sup>1</sup>**

**DIET, HUNGRY AND TUBERCULOSIS AMONG THE TEXTILE WORKERS  
OF FORTALEZA (1933 – 1955)**

José Cleudon Oliveira Neto<sup>2</sup>

Resumo

Buscamos, na presente pesquisa, analisar a relação entre as condições de alimentação dos operários têxteis de Fortaleza e o processo de adoecimento por tuberculose, durante os anos de 1933 a 1955. Sendo o setor têxtil o maior segmento industrial da época na cidade, as fábricas têxteis contavam com a maior quantidade de operários de Fortaleza. Nesse sentido, é de importância para nós compreender parte do cotidiano desses operários. Balizados pelo arcabouço teórico da História Social do Trabalho, pretendemos mostrar como foi observada e analisada a relação entre os aspectos do dia-a-dia dos operários têxteis e o adoecimento por uma moléstia, que ganhava espaço não só entre esses trabalhadores, mas também nos periódicos médicos, operários etc. Sendo assim, as fontes apontam uma relação entre a (má) alimentação e a fome, presente entre os operários, e o adoecimento por tuberculose nesse grupo. Nossa pesquisa conta com artigos médicos do período, publicados na revista *Ceará Médico*, bem como as opiniões e denúncias dos operários no jornal *O Democrata*.

Palavras-chave: operários têxteis; alimentação; tuberculose; Fortaleza; cotidiano.

Abstract

In this research, we seek to analyze the relationship between the food conditions of textile workers in Fortaleza and the process of falling ill from tuberculosis, during the years 1933 to 1955. Since the textile sector was the largest industrial segment at the time in the city, factories textiles had the largest number of workers in Fortaleza. In this sense, it is

---

<sup>1</sup> A pesquisa apresentada teve apoio e financiamento da FUNCAP/CE.

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC).

important for us to understand part of the daily life of these workers. Guided by the theoretical framework of the Social History of Work, we intend to show how the relationship between the day-to-day aspects of textile workers and the illness caused by a disease was observed and analyzed, which was gaining ground not only among these workers, but also in medical journals, factory workers, etc. Thus, the sources point to a relationship between (poor) food and hunger, present among workers, and illness due to tuberculosis in this group. Our research relies on medical articles from the period, published in the magazine *Ceará Médico*, as well as the opinions and complaints of the workers, in the newspaper *O Democrata*.

Keywords: textile workers; food; tuberculosis; Fortaleza; daily.

## Introdução

Alguns autores apontam que a tuberculose atracou em terras cearenses junto com as embarcações portuguesas no século XVI (BARBOSA, 1994). Outros apresentam, a partir de fontes, que a tuberculose teve suas primeiras menções em páginas oficiais de governo no final do século XIX (BARBOSA, 2007). Demais autores demonstram, também, que houve grandes massacres ocasionados pela doença, na medida em que os nativos não tinham imunidade desenvolvida contra a peste branca<sup>3</sup> e o organismo não produzia a reação imunológica necessária (GURGEL, 2010).

Nesse sentido, sabemos que a tuberculose dizimou incontáveis vidas durante sua “instalação” na cidade de Fortaleza. A lenta caminhada na construção de políticas públicas de combate à tuberculose – entre outras questões – favorecia o aumento das taxas de mortalidade (BARBOSA, 2007). O fato de ser uma doença misteriosa, que, sem grandes informações, acabava por ser confundida com outras moléstias, também pode explicar a ausência de combates específicos para deter a tísica.

A tuberculose se caracterizava como a moléstia dos órgãos respiratórios que mais matava e figurava entre as doenças com maiores taxas de mortalidade da capital. De acordo com relatório de saúde apresentado pelo então Inspetor Dr. João Marinho de Andrade (1894), foram notificados 210 casos de tuberculose entre os 310 casos de doenças respiratórias (BARBOSA, 2007). Essas mesmas taxas tenderam ao crescimento

---

<sup>3</sup> O termo “peste branca” surge ainda no século XVIII, devido ao tom de palidez que a doença causava no tuberculoso.

durante as décadas seguintes: no ano de 1930, de um total de 2.393 óbitos gerais, 250 foram causados pela tuberculose. Já no ano de 1934, de 3.135 óbitos, 427 ocorreram como consequência da tuberculose (LOBO; JUCÁ, 1942).

A década de 1930 foi deveras importante para compreendermos a tuberculose no Ceará. A consolidação, seguida por uma estagnação, das fábricas têxteis (ARAGÃO, 1989), as altas taxas de mortalidade causadas pela tísica e o contraste com as ações de combate que, agora mais centralizadas, possibilitaram o início de medidas concretas na luta contra a doença, são pontos importantes.

Nesse período de instituição dos planos governamentais para a saúde do estado, a cidade de Fortaleza contava com oito fábricas de fiação e tecelagem, e aproximadamente 1.812 operários atuando nessas instalações. Araújo (2015), em pesquisa sobre um operário cearense que matou o patrão no ano de 1957, mostra rapidamente a relação das fábricas têxteis – mais especificamente a fábrica Santa Cecília – com o contágio da tuberculose:

Pois bem, é essa máscara da liberdade que dá vez ao latifúndio e força os pobres migrarem para as grandes cidades, não porque viver ali é bom, ainda que elas seduzam à primeira vista, mas porque são nesses espaços onde o capital se concentra, absorvendo a mão de obra barata que precisa de uma chance para não morrer de fome. Já empregados na grande fábrica, operários assim como Antônio Rabelo Vieira o era, *encontravam ali um espaço zuadento, sujo, pó de algodão suspenso adentrando os poros e pulmões dos futuros tuberculosos.* (ARAÚJO, 2015, p. 17, grifo nosso).

Nesse sentido, compreender a relação entre a (má) alimentação dos operários têxteis e o processo de adoecimento por tuberculose torna-se fundamental. O período analisado configura-se como um momento de consolidação da indústria têxtil de Fortaleza e também como um período de altos índices de mortalidade pela tísica. Explorar o que ocasionou essa relação – coincidente? – é nosso objetivo.

### **Saúde, alimentação e operários**

O estudo da alimentação da sociedade brasileira no século XX ganha espaço cada vez maior a partir do momento em que os médicos higienistas tornam essencial a relação com a saúde pública. De fato, a alimentação tem fundamental importância para o organismo humano, podendo influenciar diretamente no acometimento de doenças, inclusive a tuberculose. De acordo com Carneiro (2005, p. 73):

Em praticamente todas as culturas, os alimentos sempre foram relacionados com a saúde, não apenas porque a sua abundância ou escassez colocam em questão a sobrevivência humana, mas também porque o tipo de dieta e a explicação médica para a sua utilização sempre influenciaram a atitude diante da comida, considerando a sua adequação a certas idades, gênero, constituições físicas ou enfermidades presentes.

Sabendo que na primeira metade do século XX as políticas, de maneira geral, giravam em torno de construir um país moderno e civilizado, temas como saúde pública tornaram-se o centro de questões relevantes para os objetivos a serem alcançados, especialmente quando relacionados a trabalhadores (HOCHMAN, 2005). Dessa maneira, é possível perceber que os discursos médicos em Fortaleza passaram a debater questões sobre a alimentação, inserida na perspectiva da saúde.

Os congressos de higiene, que abriram espaço para o assunto, eram “termômetros” sobre temas relevantes no meio médico. De acordo com Jaime Rodrigues (2009, p. 122): “A alimentação mantinha sua relevância temática: a chamada ‘higiene alimentar’ era um dos quatro itens oficiais discutidos no congresso [...]”. O autor ressalta as pesquisas implementadas por órgãos do município de São Paulo a fim de compreender os hábitos alimentares das classes populares da cidade.

Na construção de um país republicano foi indispensável pensar o “progresso” e a “modernidade”, especialmente como maneira de contraste ao sistema monárquico, designado como “ultrapassado”. No Ceará, tais ideias passaram a ser parte do cotidiano das autoridades e das elites. O higienismo social e urbano tornara-se fundamental para a construção de um estado moderno, que alcançaria o “progresso” através da disciplinarização do espaço urbano e do controle social (PONTE, 2014).

Nessa conjuntura, em vista à modernização e ao progresso do estado, figuras médicas de Fortaleza, tendo como objetivo uma maior organização e visibilidade da classe médica cearense, assim como a divulgação de seus trabalhos, fundaram, em 1913, o Centro Médico Cearense. Segundo Garcia (2013, p. 1):

No começo do século XX existiu um forte anseio de alguns profissionais da saúde, principalmente os médicos, de construir uma associação em Fortaleza que impulsionassem e atendessem aos seus ideais e interesses. Assim, o médico Manuel Duarte Pimentel reunindo-se no dia 20 de fevereiro de 1913 na residência do Dr. Manoel Teófilo Gaspar de Oliveira na rua General Sampaio nº 78 juntamente com farmacêuticos e outros médicos fundaram a “Associação Médica e Farmacêutica”. Posteriormente passou a ser chamada de “Centro Médico Cearense” e contou também com a participação dos dentistas.

A revista *Ceará Médico*<sup>4</sup> surge nesse contexto como forma de divulgação dos trabalhos médicos dos membros da associação, a fim de mostrar as análises, as inovações, suas pesquisas acerca das doenças, etc. Dessa maneira, podemos observar como a alimentação foi palco de análises, pesquisas e debates na revista, qual era o tom desse debate, a relação estabelecida com os trabalhadores, e ainda quais as conclusões dos médicos cearenses sobre o vínculo com a tuberculose, como doença preocupante para Fortaleza.

De maneira geral, os médicos cearenses não se desconstruíram do pensamento nacional no que se refere à saúde pública e alimentação, que rondou o século XX. Os médicos afirmavam categoricamente a importância da higiene alimentar como fundamental para reeducar os hábitos alimentares do “povo”, e ainda apresentavam preocupação com a alimentação da classe operária, fundamental para a construção do país moderno (VALIENTE, 1942).

Em artigo publicado na edição de maio de 1940, dois médicos, ligados ao Departamento de Saúde Pública do Ceará, sugerem em relatório: “Procurar racionalizar os hábitos alimentares do povo mediante intensa campanha educativa e incentivando a produção barata e higiênica dos laticínios, frutas, verduras, etc.” (ALBUQUERQUE; LIMA, 1940, p. 35). Como justificativa para a proposição, ressaltam que:

Quanto a racionalização dos hábitos alimentares do povo, é um problema cuja importância [illegível] procurar ressaltar. Felizmente já se assiste no país o despertar de um profundo movimento buscando encontrar uma solução justa para o assunto [illegível] e de tal magnitude. De outra parte, recentemente, o Governo Federal promulgou leis de grande alcance, visando justamente os pontos essenciais do problema: a alimentação dos trabalhadores e dos escolares. Um dos mais eficazes métodos para a obtenção de uma solução justa para o assunto – alma J. G. Winaut – “é talvez inculcar hábitos de alimentação apropriados aos trabalhadores e as crianças, nas fábricas e nas escolas” (ALBUQUERQUE; LIMA, 1940, p. 38-39).

---

<sup>4</sup> De acordo com Garcia (2013), o primeiro número da revista foi publicado em 15 de abril de 1913, ainda com o nome de *Norte Médico*. Nome esse que seria modificado futuramente para *Ceará Médico*. As publicações do periódico foram interrompidas em 1920, voltando a serem publicadas em 1928, agora com a presença de profissionais de outras áreas da saúde, como farmacêuticos e dentistas. Segundo a pesquisadora, as publicações e propagandas tinham um forte apelo comercial, tendo como público-alvo os médicos, além de tentar garantir a credibilidade de certas ações desses médicos. A autora relata que, possivelmente, a falta de recursos financeiros foi a causa da interrupção das publicações. Em seu retorno, pôde-se observar um maior número das publicidades, que deveriam garantir alguns desses recursos. A revista tinha como público-leitor o meio médico e foi produzida até o ano de 1963. Hoje, o acervo está localizado na Academia Cearense de Medicina, com prédio localizado na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza.

Observamos, a partir do exposto acima, a consonância dos médicos cearenses com os ideais higienistas sobre a alimentação, especialmente quanto às classes populares. Essa concordância tem por base também as decisões do Governo Federal e, coincidentemente ou não, tinham um público-alvo: trabalhadores e crianças. Sobre os trabalhadores, nosso foco, podemos afirmar que essa preocupação se sustentava principalmente por compreenderem o operário como força produtiva fundamental. De acordo com Beskow (2009, p. 6):

O Dr. Alexandre Moscoso, citado por Gilberto Freyre como um dos expoentes de um novo modelo de comprometimento social da medicina, teve papel ativo nas publicações dos Boletins durante o período privilegiado neste trabalho. O médico dava ênfase à importância da alimentação para a melhoria da capacidade produtiva do trabalhador, inclusive sendo necessárias diferentes dietas para as diferentes atividades profissionais. Era inclusive propagandeador de uma alimentação racional, através de classes de nutrição e economia doméstica. Participando da Comissão Elaboradora da Lei de Salário Mínimo, defendia este como garantia de alimentação fundamental aos trabalhadores.

Ou seja, os médicos de Fortaleza buscavam inserir os operários no processo “civilizador” e disciplinador. Embasados pela ciência médica, forneciam sugestões de como a alimentação dos trabalhadores poderia ser melhorada. Claro, muitas das sugestões eram apenas técnicas e não levavam em consideração outros aspectos da vida desses operários em Fortaleza.

Em meados do século XX, os médicos cearenses demonstravam suas preocupações através, principalmente, de suas publicações na revista *Ceará Médico*, como mencionado. Uma dessas preocupações era causada pela tuberculose e suas altas taxas de mortalidade. Nesse sentido, atrás de trazer relevância para o tema, Octávio Lobo e Lineu Jucá expõem as causas para os altos índices por meio de vasta pesquisa, composta especialmente de inquéritos, que nos ajudam a entender a realidade que buscamos evidenciar (LOBO; JUCÁ, 1942). Os inquéritos alimentares realizados pelos médicos tinham como foco a classe operária, e para a pesquisa aqui apresentada nos interessam, majoritariamente, os dados sobre a classe operária têxtil. A partir disso, buscamos responder ao seguinte questionamento principal: do que se alimentavam – isto é, quando podiam e tinham como se alimentar – os operários têxteis de Fortaleza?

De acordo com os médicos, um dos inquéritos<sup>5</sup> foi realizado entre famílias operárias da fábrica têxtil São José e da fábrica têxtil Antônio Diogo. O resultado mostrou

---

<sup>5</sup> Os inquéritos foram publicados em edições da revista *Ceará Médico*, com acervo localizado na Universidade Federal do Ceará. Tal acervo é de fácil acesso e está em boas condições de conservação.

que o salário do operário têxtil era destinado, em sua maior parte, para alimentação. Mas, quais produtos os operários podiam comprar com os “salários de fome”? O inquérito aponta que compunham a alimentação do operário têxtil: farinha de mandioca, feijão, arroz, açúcar, café, pão e carne seca (LOBO; JUCÁ, 1942). Aqui, já podemos verificar a falta de certos alimentos na mesa dessas famílias, como laticínios, verduras e frutas, produtos que já eram considerados essenciais para garantir uma alimentação saudável.

No Quadro 1, exposto abaixo, estão os dados referentes a uma ficha de inquérito alimentar de uma família da Vila São José no ano de 1942 – vila operária onde residiam os trabalhadores da fábrica têxtil de mesmo nome. A família do inquérito abaixo era composta por sete pessoas, número que abrange a grande maioria das famílias de operários têxteis (LOBO; JUCÁ, 1942). Levando em consideração esse número e o valor do salário percebido pelo operariado, fica claro a impossibilidade de assegurar à família operária uma alimentação capaz de garantir imunidade contra a tuberculose. Observa-se também que, ainda assim, o maior gasto da família do operário têxtil era com a alimentação.

**Quadro 1 – A família operária, Fortaleza, 1942**

<b>DIMENSÕES</b>	<b>DADOS DA FICHA DE INQUÉRITO ALIMENTAR</b>
Cidade	Fortaleza
Zona	0
Número do questionário	-
Data	17/05/1938
Residência	Vila São José
Número de pessoas da família	7
Adultos mulheres	6
Adultos homens	1
Filhos mortos	2
Menores de 1 ano	0
Salário do chefe da família	60\$000

Outras rendas	90\$000
Receita total	150\$000
Despesas	Alimentação: 84\$000 Habitação: 32\$000 Transporte: 5\$000
Outras despesas	10\$000

**Fonte:** *Revista Ceará Médico* (março, 1942).

Em um segundo inquérito realizado, dessa vez nas fábricas têxteis “São José” e “Pompeu”, os médicos apresentaram os dados relacionados a nutrientes e vitaminas que compunham a alimentação dos operários. Tais dados serviram de comparativo com os dados apresentados pelo Ministério do Trabalho, que indicavam o essencial mínimo a ser consumido pelos trabalhadores.

Para ilustrar as péssimas condições de alimentação às quais estavam submetidos os operários têxteis de Fortaleza, apresentamos os Quadros 2 e 3, em que o Quadro 2 representa os dados obtidos através de inquéritos alimentares de famílias da fábrica têxtil “São José” e, no Quadro 3, encontram-se os dados “ideais” de alimentação fornecidos pelo Ministério do Trabalho:

**Quadro 2 – Ração alimentar, março, 1942**

Calorias: 2.320
Proteínas: 60.062
Cálcio: 0.169
Ferro: 0.008
Fósforo: 0.714

**Fonte:** *Revista Ceará Médico* (março, 1942).

**Quadro 3 – Essencial mínimo, março, 1942**

Calorias: 3.488.2
Proteínas: 110.26

Cálcio: 0.710.3

Ferro: 21.018

Fósforo: 1.430

**Fonte:** *Revista Ceará Médico* (março, 1942).

Os resultados apontam para uma alimentação “deficitária quantitativamente e qualitativamente, desarmônica, contribuindo assim, pela menor resistência orgânica, para maior incidência da tuberculose” (LOBO; JUCÁ, 1942, p. 9). As análises de Lobo e Jucá são claras ao estabelecer a relação entre as péssimas condições de alimentação e o acometimento pela tuberculose entre os operários têxteis, tese já consolidada no meio médico desde o século XIX, quando se trata da relação tuberculose-trabalho. É claro também a tentativa de encaixar a alimentação dos operários têxteis dentro de um padrão a ser seguido, a partir da tabela fornecida pelo Governo Federal. Mais uma vez, os médicos apontaram majoritariamente características técnicas em detrimento da real condição de vida dos operários em Fortaleza.

Reafirmando a importância da (boa) alimentação contra a tuberculose, o sanitarista do Departamento Nacional de Saúde, Mario Magalhães da Silveira, tem artigo publicado na revista do Centro Médico Cearense onde discute a “tuberculose, problema social” (MAGALHÃES, 1947). De acordo com o médico sanitarista, a prevenção da tuberculose estava intimamente ligada aos problemas sociais, baseado em opiniões e discussões científicas de médicos de todo o mundo.

Em suas análises, Magalhães critica a forma como estava sendo tratado o combate à tuberculose pela Campanha Nacional Contra a Tuberculose.<sup>6</sup> Para ele, “a saúde do homem, no seu conjunto, é um problema de super-estrutura” (MAGALHÃES, 1947, p. 2), e o combate à tuberculose passaria diretamente por uma “melhoria” econômica, já que a situação brasileira era de uma “economia semicolonial”. Nesse sentido, o médico aponta os fatores sociais que influenciam na mortalidade por tuberculose: o salário dos trabalhadores, as habitações e a (má) alimentação.

Segundo Mario Magalhães:

---

<sup>6</sup> Sobre a Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT), criada em 1946, ver: HIJJAR, 2007, p. 50-57.

A boa alimentação é outro fator importantíssimo na luta contra a tuberculose. Neste sentido são de C. O. Stallybrass as seguintes passagens: ‘Nas infecções crônicas, de outra parte, não deve haver dúvida que o resultado final depende, em grau de não pequena importância, da nutrição do corpo. Se uma infecção crônica como por exemplo a tuberculose ou a malária, termina em cura ou morte depende intimamente do metabolismo com um todo. (C. O. Stallybrass, obra citada, pag. 633)’. (MAGALHÃES, 1947, p. 6)

E continua:

A relação estreita entre má nutrição e tuberculose e mais especialmente a relação entre ausência ou deficiência de gordura animal da dieta e mortalidade pela tuberculose, mostra claramente a importância de um adequado suprimento de gordura de animais na dieta nacional e mais especificamente na dieta daqueles intimamente ligados com os doentes de tuberculose. (C. O. Stallybrass, obra citada, pag. 634). (MAGALHÃES, 1947, p.6)

Após algumas outras análises sobre as condições de vida do trabalhador industrial, o médico conclui que, explorados pelas horas excessivas e recebendo um mísero salário, eram esses trabalhadores que sofriam diretamente com o acometimento da tuberculose. Ademais, acreditava que a CNCT deveria intervir nos aspectos citados, para além da criação de leitos e isolamento de tuberculosos, pois seria através do impacto sobre os “problemas sociais” que o país poderia observar uma diminuição dos casos de tuberculose.

Alguns anos mais à frente, em 1950, o fisiologista cearense Dr. Wilson Jucá foi quem apresentou análises sobre a importância de uma boa alimentação para o combate à tuberculose em Fortaleza, especialmente para as famílias pobres da cidade e, como sabemos, os trabalhadores têxteis constituíam essas famílias pobres (JUCÁ, 1950).

Segundo os dados obtidos pelo médico, ao analisar o grupo etário e o caráter da lesão pulmonar dos pacientes tuberculosos no final da década de 1940, Wilson Jucá pôde estabelecer uma relação entre a idade e o trabalho, assim como a gravidade da lesão pulmonar (1950): “Reflexo de uma fase de tuberculinização maciça, os grupos etários de 20-29 e 30-29, *períodos de maior produtividade* do homem, pagam um tributo mais pesado a esse grande flagelo da humanidade” (JUCÁ, 1950, p. 17 grifo nosso). As lesões pulmonares foram divididas em três tipos: mínima, moderada e avançada. Na faixa etária de “maior produtividade” do homem, grande parte das lesões eram constituídas pelas moderadas e avançadas.

Além disso, o médico Wilson Jucá reafirma as considerações acerca da influência dos fatores econômico-sociais sobre a ameaça da tuberculose. Sobre a

alimentação – considerado pelo médico como um fato econômico-social indireto – é ressaltado:

Delore afirma ‘se a tuberculose se apresenta a princípio como doença microbiana, a certos respeitos, no adulto, ela assume doença o caráter de doença da nutrição.’ [...] A família pobre cearense ganha em média Cr\$ 424,50 mensalmente; salário destinado ao sustento, no momento inflacionista em que vivemos, de uma família de 6 pessoas. Razão tinha Afrânio Peixoto quando afirmava que o povo brasileiro é um povo em perpetua dieta. *O cearense pobre vive com fome*. (JUCÁ, 1950, p. 17, grifo nosso)

Apesar de não citar com exclusividade o setor têxtil, o médico argumenta que a industrialização consiste também como um fator socioeconômico indireto. De acordo com Wilson Jucá, as indústrias “desenvolvendo-se sem controle oficial, exigindo um trabalho excessivo, pagam aos operários um salário miserável cujo ganho mal chega para uma alimentação insuficiente.” (JUCÁ, 1950, p. 19).

Construindo uma hipótese<sup>7</sup> a um dos questionamentos que movem este tópico – o que comiam os operários têxteis? – trazemos *O Democrata*<sup>8</sup>, onde foi relatado a desigualdade entre os salários dos operários homens e das operárias mulheres da fábrica São José e expôs que:

[...]Comprovando esta nossa assertiva, daremos os preços de algumas mercadorias imprescindível a alimentação de todo ser humano, cujas mercadorias já foges completamente da mesa dos trabalhadores. São elas: carne Cr\$ 10,00 o quilo, leite 3,80 o litro, feijão de corda Cr\$ 4,00 o quilo, pão Cr\$ 6,00, banha Cr\$ 18,00, arroz Cr\$ 4,80, farinha Cr\$ 2,40, café Cr\$ 4,00, um pacotinho. (AS operárias..., 1950, p. 5, grifo do autor?)

Essa alimentação “imprescindível” não estava presente de maneira completa na mesa das famílias de operários têxteis. Tais alimentos que, por si só, não conseguiam apresentar os nutrientes necessários, que poderiam garantir aos operários têxteis uma resistência imunológica contra a tuberculose, tornavam-se cada vez mais distantes das casas desses trabalhadores. Segundo *O Democrata*, a culpa da miséria vivenciada pelos

<sup>7</sup> Entendemos que a fonte, por si só, não é capaz de nos responder. Através de análises teórico-metodológicas, percebemos que a alimentação dos operários têxteis poderia ser mais complexa, mas de maneira geral, esses eram os alimentos que constituíam a dieta dos operários têxteis de Fortaleza.

<sup>8</sup> *O Democrata* foi um jornal, categorizado hoje como sendo da “imprensa operária”, que circulou em Fortaleza nos anos de 1946 aos anos de 1958. Comprado pelo PCB, o periódico buscava cumprir as demandas do partido, como fomentar os ideais revolucionários entre a classe operária da cidade, através de publicações diárias. Sendo a classe têxtil deveras relevante na capital cearense, o jornal circulou entre esses trabalhadores, que também buscavam o próprio jornal para denunciar os abusos sofridos pelos patrões e a miséria em que viviam. Nesse sentido, *O Democrata* apresenta um “discurso operário” que usamos aqui como forma de contrapor e até complementar a fala dos médicos. No tópico seguinte, o jornal será utilizado de forma mais contundente.

operários era, de maneira geral, causada pelos baixos salários, sendo uma das suas maiores reivindicações enquanto classe trabalhadora.

A partir das considerações acima, podemos estabelecer a relação entre a tuberculose e a alimentação dos operários têxteis de Fortaleza. Na medida em que esses trabalhadores fabris eram explorados, recebendo míseros salários, que garantiam assim uma alimentação de péssima qualidade, vemos que a tuberculose tinha local (fábricas e habitações têxteis) e corpos específicos a serem acometidos (operários têxteis, pobres, etc.).

A saúde do trabalhador era deveras considerada na medida em que esse trabalhador era útil para o Estado como força produtiva. E mesmo que alguns médicos não façam de forma explícita a relação com a indústria têxtil, é importante compreender que, no período estudado, era o setor de maior escala em Fortaleza, tanto no número de estabelecimentos industriais quanto no número de operários. Assim sendo, podemos estabelecer, já aqui, a relação que tal situação tinha com os operários têxteis, algo que buscamos apresentar de forma explícita mais à frente.

Baseado nessa breve discussão, percebemos a importância que a alimentação ganhava nos espaços de debate médico e como isso foi tratado, ao considerarem categorias de trabalho específicas, para as ações que pretendiam empreender. Dessa forma, assim como a alimentação, a sua relação com o acometimento da tuberculose foi alvo dos debates. O tópico a seguir é, no entanto, muito mais sobre a exploração da classe operária têxtil e sua fome, do que sobre a alimentação em si.

### **Salários, fome e tuberculose**

Se no meio médico, a relação entre a deficiência alimentar e a tuberculose era estabelecida e consolidada, entre os operários têxteis o fato não passava despercebido, pelo contrário. Os trabalhadores têxteis contavam com o apoio da imprensa operária para terem acesso às informações em geral, bem como para denunciar a precária situação a que estavam expostos, causadora de uma maior ocorrência da tuberculose entre a classe. Em depoimento ao jornal *O Democrata* sobre a jornada de trabalho exaustiva de mais de 12h diárias e “sem qualquer alimentação”, um operário da fábrica Santa Cecília relatou que “[...]Trabalhando 12 horas por noite sem uma alimentação condizente (a empresa fornece, como merenda, a terça parte de um pão pequeno e meia caneca de leite condensado) vamos terminar todos loucos e tuberculosos” (JORNADA..., 1953, p. 7).

“*Salários de fome*”, assim se referia o jornal *O Democrata* ao pagamento recebido pelos têxteis em troca da sua força produtiva. A carga horária exagerada, que muitas vezes passaria das 12h diárias, exauria as forças dos corpos dos operários, frágeis pelas doenças, acidentes de trabalho e pela alimentação de má qualidade que se podia ter com os míseros pagamentos. O jornal iria, em suas diversas edições, conchamar os operários têxteis para “barrar a política de fome das classes patronais”.

Em edição datada de 13 de maio de 1950, o jornal apresenta em suas páginas uma matéria intitulada “A fome atormenta os tecelões: salários miseráveis em vigor nas fábricas de tecido” (A fome..., 1950, capa). No editorial “Movimento Sindical”, em letras grandes e mais escurecidas, o título, claramente uma denúncia, chama atenção para a miséria vivida pelos operários têxteis. A matéria traz também uma figura em desenho representando operários em greve, um artifício utilizado para chamar atenção do leitor. De acordo com o jornal, a fome era consequência do congelamento dos salários, que no Ceará só foi “quebrado” uma vez e ainda assim não garantiu um aumento que acompanhasse os preços dos gêneros alimentícios. Os operários da fábrica têxtil “Santa Maria” falaram à reportagem do jornal que “já não podem suportar a situação [ilegível]. A fome ganha terreno a cada dia que se passa, a miséria avassala os seus lares” (A fome..., 1950).

As denúncias sobre a miséria que fortalecia o estabelecimento da relação entre a tuberculose e os operários têxteis, no entanto, são realizadas desde as primeiras edições do jornal, quando o líder operário José Severo Peixoto falava ao periódico sobre a situação dos tecelões já em 1946: “[...] As fábricas têm grandes lucros, enquanto que os trabalhadores passam privações e se enfraquecem organicamente tornando-se presa fácil para as doenças, inclusive a tuberculose que tem morto centenas de tecelões” (OS têxteis..., 1946, capa).

A lógica era clara: os operários trabalhavam muito, recebiam pouco e não tinham como manter uma alimentação suficiente ou adequada que nutrisse os corpos, tornando-se frágeis e suscetíveis à tuberculose. Nesse sentido, os autores são perspicazes nas matérias, que ao atrelar a fome aos baixos salários, acabam por evidenciar a exploração sofrida pelos operários e estabelecer os culpados. Ainda segundo a matéria citada acima:

A política de congelamento de salários sustentada pelos patrões, com o apoio do governo, conduz o proletariado brasileiro a uma situação de penúria que

cada dia mais se acentua. Enquanto os salários mantem-se imóveis os preços vão subindo e a consequência é incremento da miséria nos lares dos trabalhadores. (OS têxteis..., 1946, capa)

Cabe traçarmos um paralelo com o estudo de Decca (1987), que, ao abordar o início dos debates acerca da Lei do Salário Mínimo (Lei N° 185, 14 de janeiro de 1936), apresentou a fala de Sérgio Milliet, intelectual paulista, sobre o tema: “Em resumo: a determinação do salário mínimo deve basear-se no estudo objetivo do padrão de vida” (DECCA, 1987, p. 54). Ao analisarmos o documento indicado pela autora, podemos ler o escrito de forma integral elaborado por Milliet:

[...] Com efeito, a pesquisa do padrão de vida mostra quanto despendem o operário e sua família para viver, na época da realização do inquérito. A pesquisa estuda a situação do momento: o que está sendo, não o que deverá ou poderá ser. Mas, como é de conhecimento de todos, os preços dos gêneros de primeira necessidade, de importância capital no custo de vida das classes operárias, oscilam de acordo com a época. Aumentam ou diminuem. Varia, portanto, o custo de vida; não pode um salário mínimo estabelecido em determinada ocasião corresponder posteriormente ao custo real de vida se não se empregarem métodos capazes de ajusta-lo periodicamente as oscilações dos preços. (MILLET, 1937, p. 119)

É possível observar que o padrão de vida dos operários teria sido avaliado, como forma de ser levado em consideração no debate sobre a Lei N°185. No entanto, tais análises não se tornaram realidade concreta, na medida em que se passaram os anos, aumentaram os preços dos gêneros alimentícios e os salários permaneceram os mesmos. Decca (1987, p. 55), afirma que:

Ao estabelecer-se um salário mínimo racional e científico retira-se principalmente do operariado a possibilidade de decidir sobre o ‘mínimo suficiente’. Padrão de vida e índices de preços, investigados e determinados por técnicos, tornam-se cada vez mais realidades inatingíveis e inexplicáveis para o próprio operariado. Retirava-se do operário, mais uma vez, a possibilidade de falar com ‘competência’ sobre sua própria situação. Os problemas cotidianos do operariado da cidade eram equacionados e decididos por instâncias cada vez mais distantes.

Seguindo essa lógica, é importante perceber como o jornal *O Democrata* não tardou a voltar a expor a situação precária acerca da alimentação e dos salários dos operários têxteis da cidade de Fortaleza. Dessa vez, de forma mais contundente, o periódico anunciava: “A tuberculose dizima os trabalhadores têxteis” (1950), relatando a morte do operário Antônio Pereira, empregado da fábrica Siqueira Gurgel, uma “vítima da fome”. O operário, que já passava necessidades quando ainda dispunha de saúde,

deixava sua mulher e duas filhas menores de idade. Quais privações passaram essas mulheres, com o “chefe” da família vitimado pela tuberculose? Segundo a matéria:

Antônio Pereira morreu, como morrem milhares de operários em nossa pátria: vítima da fome, da miséria, da exploração patronal. Antônio teve seus pulmões atingidos pelos bacilos da tuberculose, porque trabalhava excessivamente, e não podia se alimentar bem. Como Antônio Pereira, todos operários da “Siqueira Gurgel” estão ameaçados de perderem muito cedo as suas vidas, de terem também os pulmões afetados pela tuberculose. E não poderia ser de outra maneira. Já que os operários daquela fábrica ganham salários de fome que não dão pra satisfazer as suas mínimas necessidades. (A Tuberculose..., 1950)

Novamente, os autores vincularam a fome aos baixos salários e usaram assertivamente um jogo de palavras que corroboravam as denúncias feitas. Percebemos como a imprensa operária incorporava as demandas sociais da classe trabalhadora naquele momento, retratando os depoimentos dolorosos da realidade vivida pelos têxteis, como Antônio Pereira, sua esposa e as filhas. A denominada “pequena imprensa” foi fundamental, já que, como um contraponto aos órgãos de poder, demonstrava a visão do próprio operário acerca da sua realidade e condições de vida. Vemos, a partir dela, como a tuberculose, causada pela (má) alimentação e a fome, era uma preocupação real para os operários têxteis e *O Democrata* como veículo essencial de defesa dos trabalhadores.

Segundo Decca (1987, p. 105):

Assim como os grupos dirigentes e o poder público produziam um tipo de trabalhador para estabelecer melhor controle e disciplina no meio operário, através da imprensa operária se produzia também todo um campo de representações do trabalho que se contrapunha às imagens veiculadas pelos setores dominantes da sociedade.

Os “salários de fome”, eram constantemente denunciados, assim como a constante exploração sobre a carga horário de trabalho, que chegavam até 15 horas diárias, contando com apenas uma pausa de uma hora para se alimentarem. Além disso, denunciava-se a incompatibilidade entre os salários e a carga horária: “O que ganham em oito horas de trabalho não chega sequer para comprar um quilo de feijão. Têm, portanto, de enfrentar a jornada de 15 horas para não morrer de fome; entretanto, a verdade é que se arriscam a morrer vitimados pela tuberculose” (*O DEMOCRATA*, 1951).

Mas afinal, o que comiam, ou deixavam de comer, os operários têxteis de Fortaleza? De forma geral, os médicos, a partir dos inquéritos já apresentados, verificaram que a alimentação era constituída basicamente de feijão, farinha de mandioca e, em menor grau, arroz, pão e carne seca. No entanto, observamos o aumento das dificuldades para

consumir até a alimentação deficitária, constituída dos alimentos citados acima: “Decai de dia para dia o poder aquisitivo dos operários” (*O DEMOCRATA*, 1951). Esta chamada de texto tratou de expor os reajustes que ocorreram nos preços dos alimentos. Os salários dos operários têxteis, no entanto, não acompanharam os reajustes. Segundo a matéria:

A carestia, que aumenta dia a dia, particularmente no Ceará, torna verdadeiramente insuportável a vida da classe operária. Vejamos o que ocorre, por exemplo, no setor têxtil, atividade que concentra maior numero de trabalhadores. É sabido que, de 1945 para cá, os preços dos gêneros de primeira necessidade subiram, em média, 300%. Ao passo que os salários dos trabalhadores têxteis não experimentaram qualquer aumento durante esse período. (DECAI..., 1951)

Ainda segundo a matéria, o salário-mínimo diário percebido pelo têxtil era de Cr\$ 11,60, somado 30% correspondente à porcentagem do abono, que totalizaria em Cr\$ 14,90. Com esse salário, em 1945, o operário conseguia comprar um quilo de carne, um quilo de feijão, um quilo de arroz, um quilo de farinha, meio quilo de açúcar, meio quilo de pão, um pacote de café. Segundo os inquéritos médicos já apresentados, a maioria das famílias operárias era constituída por mais de 4 pessoas<sup>9</sup>. Se levarmos em consideração as três refeições diárias mais comuns – café da manhã, almoço e jantar – é visível a situação qualitativa e quantitativa da alimentação deficitária dos têxteis.

A situação piora se observamos o ano de publicação da matéria, 1951. Como já dito, os salários não acompanharam os reajustes nos preços dos alimentos. Sendo assim:

[...]em 1951, com a mesma importância não pode adquirir mais do que um quilo de carne verde. E pondo-se a margem a carne que mais de 90% dos operários só come aos domingos, verifica-se que atualmente o dito salário de Cr\$ 14,90 tem apenas a capacidade de adquirir: meio quilo de feijão, meio quilo de arroz, meio quilo de farinha, meio quilo de pão e meio quilo de açúcar. É deveras assustadora a queda do poder aquisitivo da classe operária. Isso demonstra que a fome domina os lares dos trabalhadores têxteis do Ceará. (DECAI..., 1951)

Tal circunstância permaneceu viva no cotidiano dos operários têxteis. Em 1954, “O salário de um tecelão vale menos que um quilo de carne” (*NAS ATUAIS...*, 1954), de acordo com o jornal. Ao divulgar o programa do PCB<sup>10</sup>, o jornal expunha a miséria vivida pelos tecelões e apontava a luta organizada contra a exploração dos

---

<sup>9</sup> Ainda que as 4 pessoas da família trabalhassem, a situação era de penúria, visto que o salário recebido pela mulher operária era bastante inferior ao do homem. Além disso, outros gastos faziam parte do cotidiano da família de operários têxteis.

<sup>10</sup> Era costume do jornal divulgar as notícias de congressos, decisões etc. referentes ao Partido Comunista, já que o mesmo era proprietário do periódico.

“tubarões” que matavam os operários de fome. Segundo o editorial, essa “exploração não tinha limites”:

[...] a situação do seu povo, particularmente do proletariado e dos camponeses, é cada dia de maior miséria. Essa situação torna-se insuportável diante da crescente carestia de vida que reduz o salário e leva os trabalhadores a uma morte lenta. A tuberculose dizima milhares de trabalhadores e as crianças morrem, numa média de 400 por cada mil que nascem antes de completarem um ano. [...] Com o almoço gasta quase a metade de seu salário. E com o que sobra, ele tem que alimentar uma família que é em média de seis pessoas, o que quer dizer que toca pouco mais de 2 cruzeiros para cada um. (NAS ATUAIS..., 1954)

O editorial relata ainda que a exploração perpassava o caminho dos “de menores” e também o trabalho feminino. Uma prática corriqueira e bastante denunciada era a demissão de operários adultos, sem qualquer indenização. Para suprir a mão de obra explorada, os patrões contratavam menores, em sua maioria do sexo feminino, pagando um valor 50% menor, por um trabalho igual ao de um adulto. “Daí esse exército de famintos e pré-tuberculosos, muitos dos quais caem sobre as máquinas vomitando sangue ou dão vertigem de fome, alguns para não mais tornar” (NAS ATUAIS..., 1954).

O tecelão Antônio Pereira da Silva, de 22 anos, operário na fábrica têxtil Baturité, foi uma das vítimas do sistema de exploração patronal, vigente na indústria têxtil de Fortaleza. O operário chegou a trabalhar três dias e duas noites por um salário de Cr\$ 17,70. Para o patrão “[...] pouco importa que a fome aumente a cada dia nos lares dos operários, pouco importa que cada vez mais aumente o número de tuberculosos.” (TRABALHO..., 1954).

Notamos que, através da notícia acima, os próprios operários buscavam o jornal para realizarem as denúncias sobre as condições de exploração e miserabilidade a qual estavam expostos. O jornal, em apoio ao operário têxtil, tratava de fomentar a denúncia, realizando a associação entre salários-fome-tuberculose.

Além disso, a carestia e a alimentação insuficiente eram realidade cada vez pior na vida dos operários têxteis. Não poderia haver perspectiva de melhora enquanto os salários permanecessem congelados e os preços dos alimentos continuassem aumentando. Observemos o Quadro 4 abaixo:

**Quadro 4** – Comparativo de preços de gêneros alimentícios, 1946; 1956; 1958

PRODUTO	1946	1956	1958
---------	------	------	------

ARROZ	3,20	6,00	10,00
CARNE	7,80	35,00	30,00
FEIJÃO	3,30	6,50	10,00
PÃO	4,00	6,00	12,00
CAFÉ	7,10	5,50	15,00
BANHA	12,10	3,00	18,00
FARINHA	1,50	3,00	7,00
LEITE	2,30	-	-
OVOS	5,60	-	-
AÇÚCAR	3,80	6,00	7,50
VERDURA	-	3,00	15,00
TEMPERO	-	2,00	10,00
<b>TOTAL</b>	<b>Cr\$ 50,7</b>	<b>Cr\$ 71,00</b>	<b>Cr\$ 109,5</b>

Fonte: *O Democrata* (30 jan. 1950 e 10 set. 1958). Elaborado pelo autor.

Por meio desses dados percebemos um grande aumento no custo de vida do operário de Fortaleza, incluindo os têxteis, que eram maioria na categoria. Para os anos de 1956 e 1958, *O Democrata* tomou como base de cálculo os gastos para uma família de 5 pessoas. Para que não passassem fome, seria necessário um salário que assimilasse os “mais de trezentos por cento” em aumento, que tiveram os gêneros de primeira necessidade (CLASSE..., 1958).

Além dos péssimos salários que não garantiam uma alimentação adequada, os patrões e seus “lacaiois” – gerentes e gestores das fábricas têxteis, como eram chamados pelo jornal – exploravam da forma mais brutal os operários, para além dos pagamentos, como a proibição de entrarem na fábrica com alimentos e merendas, assim como cortando a água dos bebedouros a partir de horários específicos, ainda segundo *O Democrata*, a partir das denúncias dos têxteis.

Não é, portanto, de se admirar quando observamos relatos sobre o desmaio de operários têxteis diante das máquinas industriais, em horário de trabalho, seja

decorrente de um adoecimento ou de fome, ou as duas causas. O fato é que esses trabalhadores eram castigados e, famintos em consequência da exploração, padeciam tuberculosos, sem assistência médica. Se os salários de fome não poderiam alimentar de forma saudável o operário e sua família, trabalhar 10 ou 15 horas por dia, muitas vezes sem poder beber água ou comer algo, facilitava ainda mais a tuberculose nos corpos frágeis.

### **Conclusão**

A História da Saúde e das Doenças, hoje um campo consolidado, vem ganhando diversos aspectos referentes às variadas temáticas. Na pesquisa aqui apresentada, observamos uma relação entre este campo e o campo da História Social do Trabalho. Ao buscarmos no cotidiano do operário têxtil de Fortaleza, as condições que corroboravam para o adoecimento e morte por tuberculose, utilizamos o vínculo entre essas duas áreas. Se, por um lado, a História da Saúde e das Doenças nos ajuda a entender como a tuberculose foi “construída” a partir da visão médica e o seu impacto social na cidade, por outro, a História Social do Trabalho colabora com outra visão: a do operário têxtil. Esse trabalhador, que enxerga a tuberculose a partir de outra perspectiva, apresenta também outros discursos. Discursos esses, que a História Social do Trabalho tem dado ferramentas para compreendermos, em especial pela perspectiva de “classe social”.

Nesse sentido, buscamos compreender como a alimentação dos operários têxteis de Fortaleza facilitou o processo de adoecimento desses trabalhadores pela tuberculose. Nesse caso, observamos que a carência de alimentação básica entre esse grupo foi um elemento definidor no que consiste ao adoecimento por tuberculose, já que a falta de um sistema imunológico resistente permitia o desenvolvimento da doença. O discurso médico procurou demonstrar como a falta de uma alimentação nutritiva corroborava o adoecimento por tuberculose, enquanto o discurso operário visava denunciar a fome que assolava as casas dos trabalhadores têxteis de Fortaleza.

A partir das breves considerações acima, observamos como os médicos de Fortaleza compreenderam a relação entre a alimentação e o adoecimento por tuberculose entre os operários têxteis. Além disso, vemos como os próprios operários perceberam tal relação e formularam seu discurso. Diferente dos médicos, que detinham uma proposta mais técnica, racionalizada e disciplinadora, os operários têxteis denunciavam os baixos salários, que acarretavam na situação de miserabilidade em que viviam. Nesse sentido,

era a fome, e não a alimentação, quem garantia o adoecimento por tuberculose entre esse grupo.

### **Referências bibliográficas**

A FOME atormenta os tecelões.... *O Democrata*, Fortaleza, n. 1049, 13 maio 1950.

A TUBERCULOSE dizima os trabalhadores têxteis. *O Democrata*, Fortaleza, n. 1084, 26 jun. 1950.

ALBUQUERQUE, H.; LIMA, H. O papel da Engenharia Sanitária nos serviços de Saúde Pública. *Ceará Médico: Revista do Centro Médico Cearense*, Fortaleza, maio 1940.

ANDRADE, João Marinho de. Relatório. In: CEARÁ. *Mensagem do presidente do Estado, Cel. José Freyre Bezerril Fontenelle apresentou à Assembléa Legislativa do Ceará em sua 3ª. sessão ordinária da 2ª. Legislatura*. Fortaleza: Typ. Da República, 1894. p. 60.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. *A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem – 1880-1950*. Fortaleza: UFC; Stylus Comunicações, 1989.

ARAÚJO, Jormana Maria Pereira. Dia da Caça, Dia do Acerto de Contas: o caso do operário que matou o patrão numa fábrica, em Fortaleza (1954-57). *Revista Historiar*, Sobral, n. 13, v. 7, p. 06-35, 2015.

AS operárias da São José não ganham.... *O Democrata*. Fortaleza, n. 973, p. 5 e 7, 4 fev. de 1950.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. A cidade dos tísicos: uma história da tuberculose e dos tuberculosos em Fortaleza entre os anos de 1890 e 1950. In: *Simpósio Nacional de História*, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

BARBOSA, José Policarpo de Araujo. *História da saúde pública no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

BESKOW, Gabriela Carames. Os intelectuais e o ministério da revolução: o boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no governo Vargas (1934 - 1937). In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23., 2005, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

CARNEIRO, Henrique S. COMIDA E SOCIEDADE: SIGNIFICADOS SOCIAIS NA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 42, n. 1, p. 71-80, jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640>. Acesso em: 15 mai. 2023.

CLASSE operária passa fome.... *O Democrata*, Fortaleza, n. 3785, 10 set. 1958.

DECAI de dia para dia.... *O Democrata*, Fortaleza, 13 out. 1951.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de trabalhadores na República: São Paulo – 1889/1940*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GARCIA, Ana Karine Martins. CEARÁ MÉDICO: Análise e estudo da revista do Centro Médico Cearense (1913 a 1935). In: *Simpósio Nacional de História, 27.*, 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ANPUH, 2013.

GURGEL, Cristina. *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 2010.

HIJJAR, Miguel Aiub *et al.* Retrospecto do controle da tuberculose no Brasil. *Revista de Saúde Pública [online]*, v. 41, p. 50-57, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/hQdTLVHssMBb86tdQMPhhWR/#>. Acesso em 15 jul. 2023.

HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). **Educar em Revista**, n. 25, p. 127–141, jan. 2005.

JORNADA de 12 horas noturnas.... *O Democrata*, Fortaleza, n. 2049, p. 7, 15 ago. 1953.

JUCÁ, Wilson. Mortalidade por Tuberculose em Fortaleza nos anos de 1948 e 1949. *Ceará Médico: Revista do Centro Médico Cearense*, Fortaleza, p. 15-19, out-dez 1950.

LOBO, Octávio; JUCÁ, Lineu. Tuberculose em Fortaleza. *Ceará Médico: Revista do Centro Médico Cearense*, Fortaleza, p. 1-11, mar. 1942.

MAGALHÃES, Mario. Aspectos Econômicos da Luta contra a Tuberculose. *Ceará Médico: Revista do Centro Médico Cearense*, Fortaleza, p. 2-13, mai-jun. 1947.

MILLIET, Sérgio. Salário Mínimo. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 3, v. 32, fev. 1937.

NAS ATUAIS condições o salário de um tecelão.... *O Democrata*, Fortaleza, n. 2177, 20 mar. 1954.

*O DEMOCRATA*, Fortaleza, n. 1467, 20 out. 1951.

OS TÊXTEIS lutam por aumento de salários. *O Democrata*, Fortaleza, n. 195, 08 nov. 1946.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reforma urbana e controle social 1860-1930*. 5. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2014.

RODRIGUES, Jaime. Por uma história da alimentação na cidade de São Paulo (décadas de 1920 a 1950). *Revista de Estudos Sociais*, n. 33, p. 118-128, 2009.

TRABALHOU três dias e quase duas noites.... *O Democrata*, Fortaleza, n. 2233, 17 jun. 1954.